



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Astride Barzotto, Leoné

Na geografia do traço, o compasso literário

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 34, núm. 1, enero-junio, 2012, pp. 125-126

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426650017>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Na geografia do traço, o compasso literário

PEPETELA. **O planalto e a estepe**. São Paulo: Leya, 2009. 188 p. ISBN 9788562936098.

Leoné Astride Barzotto

Universidade Federal da Grande Dourados. R. João Rosa Góes, 1761, 79825-070, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil.
E-mail: leonebarzotto@ibest.com.br

Cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessivamente ou simultaneamente, dependendo dos contextos. 'Um homem distinto é um homem misturado', dizia Montaigne. A identidade é uma história pessoal, ela mesma ligada a capacidades variáveis de interiorização ou de recusa das normas inculcadas (GRUZINSKI, 2001, p. 53).

A proposição da epígrafe acima expressa, de maneira íntima, o sustentáculo narrativo do mais recente romance de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, escritor angolano mundialmente conhecido como Pepetela. As nuances identitárias e os conflitos ideológicos fomentam a diegese, do começo ao fim, em *O planalto e a estepe*, livro publicado em 2009, pela editora Leya de São Paulo.

O próprio título do romance antecipa, de forma intuitiva, a composição metafórica da narrativa que se constrói a partir de um amor interrompido por mais de trinta anos. O 'planalto' surge como uma metáfora emblemática para a região sul de Angola e, mais precisamente, para o narrador-protagonista, um angolano branco de olhos azuis, de nome Júlio Pereira. Já a 'estepe' corresponde à sua amada, mas continuamente distante guerreira mongol, Sarangerel, nome de ave e de mel, cuja face arredondada remonta à lua cheia.

Num primeiro plano da narrativa, porém bem mais sutil, há o desenrolar de um romance conflituoso entre o angolano Júlio e a mongol Sarangerel. Toda a história, de fundo verídico, é contada em *flashback* pelo personagem central, Júlio Pereira. Suas memórias são reavivadas e retomadas pelos traçados geográficos de sua infância, em Huíla, no sul de Angola. Ainda lá, o rapaz do interior e do planalto vive uma adolescência permeada de aventuras e da construção de sua identidade angolana. Todavia, na fase adulta, para prosseguir seus estudos, vê-se obrigado a ir à Lisboa, onde lhe determinam estudar medicina. Distante de Angola, suas expectativas todas são frustradas, pois não se sente indivíduo de Portugal tampouco talentoso para

a área médica. Assim, os traços e as mudanças geográficas passam a constituir definitivamente a personalidade de Júlio, que decide fazer parte da guerrilha e lutar pela independência de Angola, tal qual o fez o escritor Pepetela. Logo, volta à África, dessa vez a Marrocos e à Argélia e, no curso de três anos, encontra-se em Moscou como estudante de economia, com suposto apoio do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Em Moscou, nos anos de 1960, a estudante mongol Sarangerel entra de vez em sua vida, pois a paixão entre eles é imediata. Esse amor proibido passa a existir às sombras da formação guerrilheira na antiga União Soviética e sobrevive, por algum tempo, sob as barbas gélidas do socialismo mongol.

A Mongólia, como país socialista, apoia a luta dos povos oprimidos. O meu povo é colonizado e eu sou um lutador pela liberdade do meu povo. [...] o que conta é que tu não és mongol, portanto, és um ser inferior (PEPETELA, 2009, p. 64).

Num segundo plano da narrativa, mais consistente e profundamente crítico, Júlio Pereira revela toda a sua angústia diante da desigualdade humana e da miséria que assola os países relegados à força da colonização. Impera, nesse contexto, a ironia ácida sobre as políticas ideológicas criadas pelo ser humano para tolher e limitar outros seres humanos assim como o sarcasmo para com as imposições segregacionistas.

Na época éramos todos iguais, julgava eu. Não éramos afinal, havia racismo [...]. O racismo havia de me perseguir a vida inteira. [...] Então és tu o bolchevique amigo dos pretos [...]. Era amigo dos meus amigos, isso sim (PEPETELA, 2009, p. 13 e 21).

Júlio descobre Fanon, Marx, Mandela; torna-se articulador político e um militar exemplar e assim conhece tantos outros indivíduos que lhe são inspiração à causa da libertação angolana. Ao buscar sufocar seu amor proibido, o protagonista colabora enormemente para a dignificação de seu país e

continente; com isso ressalva, sobretudo, a fragilidade de um rígido sistema político perante a potência subliminar de sentimentos por ele reprimidos. “Somos de uma humanidade animal” (PEPETELA, 2009, p. 121).

O leitor ávido pelos estratagemas de guerra pode se decepcionar se comparar essa diegese à de *Mayombe* (1980), livro do mesmo autor. Da mesma forma, o leitor que se deleita diante das sensualidades amorosas que perfilam a narrativa da *Parábola do cão velho* (1997) não as contemplará nessa última publicação de Pepetela, pois o livro *O planalto e a estepe* não enaltece, necessariamente, nem um aspecto nem outro, uma vez que a guerrilha e o romance seguem paralelamente a compor uma belíssima história que, no fundo, visa tratar do humanismo e de um momento de amadurecimento do próprio escritor e, por extensão, do país que ele elege como mapa maior de sua obra.

Desiludidos, Sarangerel e Júlio tocam suas vidas. Na Mongólia, ela tem uma filha que é fruto desse amor, mas é forçada a se casar com um renomado cidadão mongol. Júlio, por sua vez, decide permanecer sozinho e assume a causa africana como missão de sua existência. No entanto, após trinta e cinco anos de afastamento, o destino os coloca novamente a dividir a mesma cena em Cuba, onde ela habita com o marido embaixador. O reencontro gera uma inevitável união, pois a chama da paixão eclode como nunca. Ela se divorcia do marido e vai à Angola viver com seu amor por quatro prazerosos anos, até que a morte o leva devido aos demasiados esforços de guerra.

Em *O planalto e a estepe*, a guerra pela libertação de Angola e da mãe-África, de uma forma geral, aparece mais como emblema paradoxal das aspirações humanas em busca de liberdade e felicidade, individual ou coletiva, visto que é uma guerra comentada, idealizada, planejada, armada; mas não é uma guerra encenada ou exposta na diegese desse romance, diferentemente de outros romances de Pepetela que também abordam a temática das forças armadas pela emancipação africana. Em nenhum momento há uma passagem explícita de uma cena de guerra ou confronto armado de qualquer ordem entre povos inimigos, quer entre africanos, quer entre nações. Há,

contudo, menção a missões ocorridas, alusões a acidentes, mortes de amigos, desaparecimentos e outros episódios de natureza similar; porém, todos esses fatos vem à tona através da memória de Júlio Pereira ao retratar sua própria experiência como militante do MPLA; o que limita, de certa forma, uma compreensão mais ampla das ocorrências na guerrilha por parte do leitor. Assim, na narrativa, a guerra pela libertação ecoa como uma metáfora da tragédia que é inerente à experiência humana, já que todas as asserções de luta não passam da representação do discurso do personagem principal. “Pobre África, viramos as costas uns aos outros e quem lucra é o antigo colonizador” (PEPETELA, 2009, p. 180).

Por fim, dentre suspiros, guerrilhas, saudades, conflitos, acordos e a independência angolana, os traços geográficos que compõem esse romance levam a um compasso literário altamente reflexivo e perturbador por conta de uma exposição crítica que mostra o pior e o melhor que há na composição do humano.

Mas nesses regimes era assim, coisas pessoais eram decididas ao mais alto nível, tudo era político, mesmo o amor entre dois jovens. Tudo era político. E, agora que esses regimes se corroeram por dentro e desapareceram, os antigos responsáveis ainda se perguntam porque foram derrotados. Afastaram-nos um do outro só por sermos de países diferentes, por um ter olhos castanhos e o outro azuis. E ao mesmo tempo gritavam vivas ao internacionalismo e à amizade eterna entre os povos. Tudo mentira! (PEPETELA, 2009, p. 155).

Referências

- GRUZINSKI, S. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- PEPETELA. **O planalto e a estepe**. São Paulo: Leya, 2009.

Received on April 11, 2011.

Accepted on April 20, 2011.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited